

A CULTURA DIGITAL NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA ESCOLAR

THE DIGITAL CULTURE WITHIN THE SCHOOL: THOUGHTS ON SCHOOL EDUCATIONAL PRACTICES TRANSFORMATION

CULTURA DIGITAL EN LA ESCUELA: REFLEXIONES SOBRE LA TRANSFORMACIÓN DE LA PRÁCTICA EDUCATIVA ESCOLAR

Elaine Cátia Falcade Maschio¹

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação e Novas Tecnologias/Mestrado em Educação do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: elaine.m@uninter.com

RESUMO

O presente texto debruça-se sob a discussão da cultura da escola inserida no contexto da cultura digital. Busca compreender a diferente abordagem sobre o termo cultura e prática escolar, bem como, refletir como as tecnologias digitais estão contribuindo como elementos que constituem o cotidiano da escola. Propõe discutir como a cultura digital tem influenciado as práticas educativas no engendramento da cultura escolar. Procura-se por fim, discutir as potencialidades da pesquisa sobre a cultura material escolar, lançando mão da investigação sobre os usos e consumos dos dispositivos digitais na escola. Como revisão bibliográfica da temática, a análise lançou mão das contribuições de Sacristán (1997), Zabala (1998), Gvirtz e Larrondo (2007) e Gómez (2015). Vivemos imerso na cultura digital e, conseqüentemente, os dispositivos e valores advindos dessa cultura, adentram a escola, em um movimento que não permite retorno. Os dispositivos digitais constituem-se em uma nova materialidade escolar, possibilitando um momento de transição da cultura escolar a partir de um significativo movimento de transformação e manutenção das práticas educativas. Assim, cabe a escola acompanhar essas céleres mudanças, sem perder de vista sua função social e seu papel na significação da cultura no processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Cultura. Escola. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

This study considers the school culture within the digital culture. It tries to understand the different definitions of school culture and school practice as well as to think over how the digital technologies are adding value to schools' daily routine. It also tries to talk over how the digital culture has influenced the educational practices to form the school culture. Finally, it considers the potentiality on researches regarding the use of several implements and objects in order to stimulate students' learning process by investigating the use of digital gadgets at school. Sacristán (1997), Zabala (1998), Gvirtz e Larrondo (2007) e Gómez (2015) were used as bibliographical reference. The world today is immersed into the digital culture so the gadgets and values from it

are inexorably inside schools. The digital gadgets are considered new objects to stimulate students' learning process, which means a significant transformation and maintenance moment in the school culture as well as in the school practices. Thus, the school must follow such rapid changes but always remembering its social importance in constructing knowledge.

Key words: Culture. School. Digital Technologies.

RESUMEM

Este texto se centra en la cultura de la escuela de la discusión en el contexto de la cultura digital. Busca comprender la diferente aproximación al término cultura y la práctica de la escuela, así, reflexionar cómo las tecnologías digitales están contribuyendo como elementos que conforman la rutina escolar. Se discute cómo la cultura digital, ha influido en las prácticas educativas en engendrar la cultura escolar. Se busca finalmente discutir el potencial de la investigación sobre la cultura material de la escuela, haciendo uso de la investigación sobre los usos y el consumo de los dispositivos digitales en la escuela. Como la literatura de revisión temática, el análisis hace uso de las contribuciones de Sacristán (1997), Zabala (1998), y Gvirtz Larrondo (2007) y Gómez (2015). Vivimos inmersos en la cultura digital y, por lo tanto, los dispositivos y los valores derivados de esta cultura, que entran en la escuela, en un movimiento que no permite retorno. Los dispositivos digitales se encuentran en una nueva materialidad de la escuela, lo que permite un momento de transición de la cultura escolar de un movimiento significativo de la transformación y el mantenimiento de las prácticas educativas. Por lo que toca a la escuela siga estos rápidos cambios, sin perder de vista su función social y su papel en la cultura en el proceso de construcción del conocimiento.

Palabras clave: Cultura. Escuela. Las tecnologías digitales.

INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva da História Cultural, muitos têm sido os estudos que buscam compreender a constituição da escola e da sua cultura. A vida escolar, assim como os elementos que a compõem, é vislumbrada como objeto de pesquisa. Nesse contexto, a cultura escolar se torna objeto de investigação na busca pela compreensão do cotidiano da escola, e sua efetiva contribuição no processo de socialização das futuras gerações.

O conjunto de elementos que caracterizam o trabalho educativo formal, ou seja, o processo de escolarização (os saberes, os currículos, os programas de ensino, os materiais didáticos, os espaços escolares, os regulamentos, os regimentos, os tempos escolares, as relações que os sujeitos estabelecem no dia a dia do processo de ensino e aprendizagem, o trabalho docente, as atividades de aprendizagem produzidas pelos alunos, os dispositivos e concepções pedagógicas, os discursos pedagógicos, os métodos e técnicas

de ensino, as avaliações, entre outros), constituem o que a partir da década de 1980, os estudos denominaram de *cultura escolar*.

Assim, compreende-se que a escola não é apenas reprodutora do conhecimento acumulado pela sociedade, embora tenha como função principal, conservar e transmitir a cultura. Por outro lado, a instituição escolar é produtora de uma cultura própria. Ela possui certa autonomia na produção das práticas educativas.

Por outro lado, a produção das práticas também está relacionada as demandas e prescrições que advém da sociedade da qual a escola está inserida. Se a sociedade se modifica, a escola tende a acompanhar, ainda que de forma lenta, essas transformações.

Vivemos imerso na cultura digital. Cada vez mais nossa sociedade apresenta múltiplas formas de comunicação e interação proporcionadas pelos meios virtuais. A materialidade se modifica, as tecnologias avançam em uma velocidade vertiginosa. Os dispositivos dessa cultura material digital adentram a escola, em um movimento que não permite o retorno. A escola por sua vez, tem buscado, ou pelo menos tentado buscar, os meios para acompanhar essas céleres mudanças, sem, porém, perder de vista sua função social.

O presente texto debruça-se sob a discussão da cultura da escola inserida no contexto da cultura digital. Busca compreender as diferentes abordagens sobre os termos cultura e prática escolar, bem como, refletir como as tecnologias digitais estão contribuindo como elementos articulares de transformação do cotidiano da escola. Propõe discutir como a cultura digital tem influenciado as práticas educativas no engendramento da cultura escolar. Procura-se por fim, discutir o limites e possibilidades de olhar para a cultura material escolar, lançando mão da investigação sobre os usos e consumos dos dispositivos digitais na escola.

CULTURA E PRÁTICA EDUCATIVA: RELAÇÕES ENTRE ENSINO E CULTURA DIGITAL

A escola é uma instituição social e constitui-se como lugar idealizado pela sociedade para atender os fins do processo de socialização das futuras gerações. Sua organização é duradoura e eficaz. Ela toma para si a função de guardião da cultura. Recolhe a infância dos

demais domínios sociais, no intuito de desenvolver a indivíduos aptos para a vida em sociedade. Faz isso por meio de normas, rituais, materiais, métodos, técnicas, tempos e espaços específicos, que se modificam de acordo com a temporalidade e, conseqüentemente, conforme as diferentes concepções políticas e pedagógicas que se instituem.

Sendo assim, a escola tem como objetivo produzir e reproduzir a própria sociedade, por meio de uma educação institucionalizada. E faz isso, transmitindo os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, ou seja, deliberando a escolarização das novas gerações como uma demanda social.

Por outro lado, a escola não é uma instituição determinada exclusivamente pelas prescrições externas a ela. Ela também tem uma vida própria, uma cultura própria. Ao mesmo tempo em que reproduz a cultura, por meio da seleção e transmissão do conhecimento, ela produz uma cultura própria que ocorre nas relações estabelecidas pelas experiências dos sujeitos escolares no processo de construção do conhecimento.

Philippe Meirieu (2005, p. 39) ao refletir criticamente sobre o papel da escola, aponta como um dos princípios que fundamentam essa instituição, a sua especificidade no processo de transmissão da cultura às gerações mais jovens. Isso é ponto indiscutível. A escola é constituída como um lugar onde as aprendizagens são obrigatórias e programadas, e tem atuado na transmissão exaustiva dos saberes selecionados da cultura geral.

Ocorre que, por muito tempo, o entendimento da escola foi reduzido a sua função transmissora da cultura. Uma cultura dominante, que por sua vez, era definida fora do espaço escolar e imposta por meio de prescrições que determinavam a prática pedagógica sem que houvesse intervenção por parte dos membros que compartilhavam da experiência escolar.

Nas últimas décadas do século XX, as pesquisas na área da educação avançaram na profícua relação entre investigar a relação entre a escola e a cultura. Paralelo a perspectiva da escola como instituição por excelência no processo de conservação e transmissão do conhecimento historicamente acumulado, progredia-se a ideia de que a escola, ao transmitir a cultura, também era capaz de produzir a sua própria.

Neste sentido, vários autores se dedicaram a compreender o cotidiano da escola e a dinamicidade da prática pedagógica, extrapolando o caráter determinista das prescrições na experiência de escolarizar. Nessa empreitada, surgiram os termos *cultura escolar* e *cultura da escola*, conforme apresenta-se no quadro abaixo, algumas das suas acepções e seus respectivos autores.

Quadro 1. Definições sobre a cultura escolar ou cultura da escola

Chervel (1998, p.5 apud Barroso, 2010, p. 2)	[...] comporta uma ambiguidade de princípio: trata se ela cultura que se adquire na escola, ou da cultura que só se pode adquirir na escola? Dito de outro modo, por “cultura escolar” queremos significar a parte da cultura global que é difundida pela escola às novas gerações, ou, pelo contrário, uma cultura especificamente escolar, não só no seu modo de difusão, mas também na sua origem, na sua gênese e na sua constituição?
Julia (2001, p. 10)	[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.
Forquin (1993, p. 167)	[...] o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normatizados”, “rotinizados”, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas.
Antonio Viñao Frago (1995, p. 68)	[...] práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos – a história cotidiana do fazer escolar –, objetos materiais, função, uso, distribuição do espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... – e modos de pensar, assim como significados e ideias compartilhadas. Alguém dirá: tudo. E se, é certo. A cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer.
Benito (2002, p. 32)	[...] una estaría constituida por los registros de la cultura empírico-práctica que han construido los enseñantes em ejercicio de su profesión y que se transmite por diversos mecanismos de relación que se dan dentro de la vida cotidiana de las instituciones [...]. Outra se organizaria alrededor de los saberes que genera la esculación y la investigación educativa [...]. El tercer sector de la cultura de la escuela vendría asociado a los discursos y prácticas de ordem político-institucional que se configuran em torno a la estructura y funcionamiento de los sistemas, y se expresaría sobre todo em el

	linguaje normativo que sirve de soporte a la organización formal de la educación.
Sacristán (2011, p. 26)	[...] hablamos de cultura escolar como algo interno, em el sentido equivalente a clima, ethos o vida interior de las instituciones, como el conjunto de usos y maneras de manifestarse que tienen éstas em la práctica educativa, acumulación de una arraigada tradición de costumbres, rutinas y procedimientos. Es la visión del sistema escolar o de segmentos del mismo como um subsistema cultural em sentido étnico. Los usos de la educación son cultura.
Rockwell (2007, p. 178)	Las pautas de cambio y continuidad de las prácticas y saberes escolares no se rigen del todo desde los dispositivos normativos puestos em marcha por las autoridades institucionales. Las culturas escolares tienen una dinámica propia, em la que el encuentro entre personas de diferentes generaciones – madres, padres y jóvenes – condiciona ritmos y formas de transmisión inter-generacional, de apropiación y de resistencia, que no respetan los tiempos económicos y políticos.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das obras dos autores referenciados.

Ainda que sejam múltiplas as definições acerca da compreensão do que seja a cultura escolar ou a cultura da escola, cumpre ressaltar que ela representa o conjunto de práticas educativas fundamentadas no processo de transmissão cultural. A cultura escolar põe em evidência saberes, dispositivos, normativas, materialidades, discursos pedagógicos, enfim, práticas escolares que compõe o próprio fazer escolar.

Abarcando a escolarização como uma prática social, podemos iniciar a reflexão sobre as permanências e transformações da cultura escolar mediante a disseminação da cultura digital, a partir da discussão de José Gimeno Sacristán (1997) sobre as características das práticas educativas.

Para este autor, as práticas educativas podem ser consideradas em diferentes aspectos: antropológicas, institucionais, e, estritamente escolares. É preciso compreendê-la em múltiplas dimensões. Em um primeiro sentido, existe uma prática educativa que é extraescolar, paralela ao processo de escolarização. É uma atividade relacionada a complexidade cultural da sociedade e da forma de organizá-la. Em uma segunda perspectiva, as práticas educativas devem ser compreendidas também como atividades geradas junto ao processo de institucionalização da educação, no sistema escolar ou no próprio processo de escolarização. Terceiro, as práticas educativas podem ser tomadas como aquelas estritamente escolares. Isto é, que estão circunscritas às atividades

imediatas do processo de ensino aprendizagem na aula e no interior da escola. Quarto, a prática educativa é substancialmente um produto social construído historicamente, que se enraíza na experiência coletiva. Ou seja, não é fruto de uma técnica, de um saber artesanal, ou de uma teoria, mas é estabelecida na realidade experimentada. Por fim, as práticas educativas em qualquer sociedade não podem se reduzir as práticas escolares. É preciso entender que existe uma profícua interação entre as práticas educativas culturais e as práticas educativas escolares e institucionalizadas (SACRISTÁN, 1997, p. 13-16).

Por conseguinte, as práticas escolares interagem com a totalidade das práticas educativas. As práticas escolares interferem nas práticas extraescolares e também são por elas influenciadas. Para Sacristán (1997), é essa dinâmica que demonstra e sustenta a complexidade e a importância de investigá-las.

A fluidez e a dinamicidade das práticas educativas escolares também são apontadas por Antoni Zabala (1998, p. 17).

É preciso se referir àquilo que configura a prática. Os processos educativos são suficientemente complexos para que não seja fácil reconhecer todos os fatores que os definem. A estrutura da prática obedece a múltiplos determinantes, tem sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc. Mas a prática é algo fluído, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc.

Assim, analisar a “estrutura da prática escolar” é um exercício complexo, sendo necessário lançar mão da compreensão dos fatores que a constituem. A mesma fluidez que torna a análise das práticas uma tarefa complexa, conjectura uma profícua dimensão de entendimento da cultura escolar e, conseqüentemente, do processo escolarização.

Considerar a inserção e a apropriação das tecnologias digitais na escola na sua dimensão prática, é observar como essas implicam na alteração dos comportamentos, na configuração dos discursos sobre o ensino e a aprendizagem, e na produção de um fazer escolar. Do mesmo modo, cumpre notar que não é a escola que reivindica uma nova materialidade, mas o contrário. Uma vez que as tecnologias digitais constituem a

materialidade da cultura digital, estas adentram a escola passando a fazer parte da sua materialidade educativa, porque a escola tem seu vínculo estrito com a cultura.

Portanto, quando percebemos que a cultura se transforma, como ocorre atualmente, vislumbra-se que essa mudança alcance a escola. Todavia, sabe-se que a escola não corresponde a essas demandas da sociedade de modo imediato. As mudanças são tênues. A (re) configuração das práticas educativas escolares, a partir de uma nova tecnologia tende a demorar a acontecer.

Poderíamos questionar se no contexto da cultura digital, que conhecimentos, valores e saberes a escola está buscando conservar? Que cultura ela seleciona para transmitir as futuras gerações? Essas questões não podem ser respondidas na sua totalidade. Mas, podem ser pensadas partir de um outro questionamento: que características distinguem a sociedade em que estamos vivemos?

De acordo com Gómez (2006, p. 97-98), vivemos na sociedade da economia do conhecimento, a qual muito se tem chamado de sociedade da informação ou do conhecimento. Para ele essa sociedade possui quatro características:

- A produção concentrada nos serviços, ideias, informações e comunicação;
- A velocidade da produção, circulação, consumo e abandono da informação;
- A transmissão fundamentalmente virtual das informações;
- A informação está a serviço da economia do mercado.

A cultura digital, ou cibercultura, são expressões que representam a dinâmica do cotidiano da sociedade atual. Elas agem sobre a produção do conhecimento e sob o modo como as relações econômicas, sociais, interpessoais e de produção se estabelecem em nossa sociedade. Esse movimento tem-se expandido a ponto de (re) criar uma mentalidade baseada na virtualidade, instantaneidade, interatividade, que no âmbito educativo, principalmente sobre a escola, impõe a necessidade de se rever as formas de ensinar, uma vez que parece ter se modificado os modos de aprender.

É possível pensar que a escola, como guardiã da cultura, conseguirá cumprir o seu papel na transmissão do conhecimento científico em plena “Era da Informação”, do acesso rápido e fácil aos dados cada vez mais superficiais e efêmeros?

Gómez (2015) afirma que uma das consequências do ritmo acelerado da produção e consumo das informações fragmentadas e ilimitadas, é a saturação da memória. Para o autor, a saturação da informação gera paradoxalmente, a superinformação e a desinformação, sendo que dificilmente proporciona a construção de um conhecimento estruturado e útil.

[...] en esa sociedad, presidida por esa red de intercambios de informaciones, el déficit de nuestros niños y nuestras niñas no es, por lo general, un déficit de informaciones de datos sino de organización significativa y relevante de las informaciones fragmentarias y sesgadas que reciben, em sus contatos espontáneos com los médios de comunicación. El problema no reside em la caqntidad sino em la calidad y relevância de las informaciones, em la orientación y realización consciente y razonada de los sentimientos, de las actudes y de las conducta (GÓMEZ, 2006, p. 99).

Por outro lado, Gómez também acredita que a escola, marcada por sua herança academicista, oferece mais informação do que conhecimento. O desafio da escola não é ignorar as transformações que ocorrem no âmbito social e cultural, mas transformar o volume de informações desorganizadas e fragmentadas em conhecimento.

Cómo acompañamos y ayudamos a nuestros niños a que el conjunto de informaciones fragmentarias que tienen, organizado de uma manera, relativamente, acientífica y com carência de lógica y de consistência lo agrupen em conocimientos que le permitan entender mejor a complejidad del mundo em que viven? GÓMEZ, 2006, p. 99).

Neste sentido, não bastaria equipar as escolas com as ferramentas digitais mais inovadoras, e desenvolver por meio delas antigas tarefas.

Se as escolas insistem nas práticas convencionais obsoletas, que definem a maioria das instituições de ensino atuais, distantes e ignorantes do fluxo de vida que transborda à sua volta, correm o risco de se tornarem irrelevantes. É o momento de redefinir o fluxo de informações na escola. Nós, docentes, devemos nos dar conta de que não é aconselhável apenas fornecer informação aos alunos, temos que ensiná-los como utilizar de forma eficaz essa informação que rodeia e enche as suas vidas, como acessá-la e avaliá-la, recriá-la e compartilhá-la. (GÓMEZ, 2015, p. 29)

É necessário retomar as contribuições de Gómez (2015) para compreender a apropriação das tecnologias digitais na escola. Para este autor, não adianta deixar os alunos utilizar livremente os dispositivos. Isto é, isentar o uso das novas tecnologias dos objetivos pedagógicos, como assim o fazem em outros âmbitos sociais. Tampouco, vale-se apropriar das tecnologias digitais de forma tradicional, perpetuando práticas obsoletas diante de uma gama de potencialidades como demonstra essa nova materialidade.

É preciso explorar novas práticas educativas escolares, pois a inserção das tecnologias digitais numa perspectiva de transformação, deve contribuir para a construção do conhecimento, sem deixar de contemplar as demandas da cultura. Mas também, é importante admitir que a escola não pode perder de vista sua função social.

É comum afirmar que as tecnologias digitais permitem ampliar os espaços de aprendizagem, as formas de acessar a informação, a facilidade dos modos de comunicação e interação, entre outras possibilidades que caracterizam a dinamicidade dos ambientes virtuais e dos ciberespaços. Contudo, conforme assevera Sacristán (2000, p. 71), “os canais extraescolares são atrativos, sem dúvida, e necessários, mas é preciso ver quando servem para liberar os indivíduos e lhes dar consciência crítica e quando são elementos de alienação e consumo”.

A TRANSFORMAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES: INVESTIGAR O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Concorda-se com Tyack y Cuban (2001) que a escola possui uma *gramática*, uma estrutura que é física, administrativa e também pedagógica. Essa estrutura organizacional da escola é “sustentada basicamente pela presença insubstituível do professor, do aluno, do material, do método, do currículo, do tempo e do espaço institucional” (MASCHIO e MARTINS, 2013, p.41). Também concorda-se com Guy Vicent, Bernard Lahire e Daniel Thin (2001), que essa estrutura é tão eficaz, que a *forma escolar* de educação tem ocasionado significativas repercussões nas demais instâncias sociais. Por isso, qualquer reforma ou tentativa de transformação dos processos de escolarização, deve considerar primeiro, a ruptura dessa *gramática* ou *forma escolar*.

Assim, o terreno em que a cultura digital se estabelece no processo de ensino escolar é o da prática educativa. Portanto, as tecnologias digitais transformam e configuram a cultura escolar, as normas, os discursos, os rituais, as práticas que marcam o fazer cotidiano da escola. Todavia, não são capazes de desconstruir esse modelo específico de socialização do homem que é o modelo escolar.

Nas imagens abaixo é possível compreender a dimensão da cultura material escolar. Percebe-se como a materialidade da escola está diretamente relacionada a mentalidade cultura e pedagógica de cada época. Os usos que professores e alunos fizeram - e ainda fazem - em diferentes momentos históricos dos objetos e artefatos escolares, é o que caracterizam as práticas no interior da escola. Entre as rupturas do formato físico e do modo de utilização de cada um dos artefatos escolares representados, observa-se a conservação das finalidades educativas. Ambos os objetos, em suas singularidades e semelhanças, reafirmam a relevância social da escola e a sua permanência.



Fonte: Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99713>. Acesso 19 de setembro de 2015.



Fonte: Disponível em: <http://www.ifms.edu.br/2013/10/03/professores-do-ifms-recebem-tablets-para-atividades-de-ensino/> Acesso 19 de setembro de 2015.

Se a *gramática* resiste às mudanças e reformas, e a *forma escolar* continua sendo o modelo eficaz de socialização cumpre observar como as práticas educativas escolares são engendradas. E como as tecnologias estão sendo exploradas, interpretadas, significadas, representadas ou negadas nos espaços escolares na perspectiva da cultura material escolar como um processo histórico e prospectivo. Pois, muitas foram as tecnologias que povoaram a escola ao longo dos anos, capazes de reconfigurar as práticas, mas nenhuma delas conseguiram reinventar ou substituir a instituição escolar tal qual a conhecemos.

Assim, dentre os elementos que compõe a cultura escolar, cumpre ressaltar a presença dos objetos, artefatos e materiais pedagógicos. Segundo Souza (2007, p. 176), lançar mão da Cultura Material Escolar “significa compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação”.

Seus estudos nos proporcionam uma ampla reflexão sobre as possibilidades de se olhar para a Cultura Material Escolar. Para a autora, a tecnologia educacional pode ser tomada como um objeto de estudo que possibilita compreender concepções a serem incorporadas no processo de escolarização, bem como, as práticas pedagógicas do cotidiano da escola atual.

Desse modo, há uma gama de possibilidade de pesquisa, que pode incluir:

[...] a materialidade propriamente dita (constituição/caracterização), funções e usos, produção, tecnologia e comercialização, aparecimento, transformação e desaparecimento, saberes pedagógicos constituídos, as políticas educacionais voltadas para a introdução de novos materiais, tecnologias de ensino e suprimento material para as escolas, as representações dos profissionais da educação em relação à importância e uso dos materiais escolares, a relação entre materiais escolares, currículo (disciplinas) e métodos de ensino, a interdependência existente entre diversas tecnologias gerais e aquelas de uso escolar, invariantes tecnomateriais e modelos didáticos historicamente construídos (SOUZA, 2007, p.180-181).

É possível entender como os usos e consumos desses objetos produzem sentidos no espaço escolar, pelos diferentes sujeitos que os manipulam e interferem nas práticas educativas escolares. José Maria Hernández Díaz, ao analisar as potencialidades do termo Cultura Material Escolar, nos apresenta uma classificação bem completa. Para este autor, a materialidade da escola pode ser compreendida a partir de categorias, quais sejam: objetos da cultura empírica, objetos da cultura acadêmica, objetos da cultura política e objetos pessoais dos alunos.

Existen objetos de la cultura escolar empírica, tanto los que utiliza el maestro como los del alumno. Son los elementos materiales que há ido construyendo de forma artesanal, intuitiva, el maestro y el niño [...]. Hay objetos de la cultura escolar académica, que se recomiendan al maestro y al niño [...]. También em el muestrario de obejetos propios de una escuela cualquiera, al menos presentes em Ella y así recogidos, encontramos objetos de la cultura escolar política, que se impone gradualmente o de forma imperiosa a niños y profesores [...] Hay finalmente em el clima y aula escolar um cupo de objetos escolares personales que lleva el niño em su cartera, o em su mochila, para uso escolar directo, para divertimento, para distorsión, para que le sirvan de garantía y seguridad (DIÁZ, 2002, p. 237).

Seguindo as contribuições do autor, compreende-se que as tecnologias digitais se encontram como objetos da cultura escolar empírica e política, os quais poderíamos mencionar como as lousas interativas digitais, os *tablets*, os *netbooks*, os *softwares*, entre outros ligados a rede de comunicação mundial; e dos objetos pessoais dos alunos, os quais seriam pertinentes considerar, os celulares e *smartphones*, por exemplo.

Incorporar novos artefatos sociais e transformar as práticas pedagógicas, com a criação e a apropriação desses objetos ou daqueles exclusivamente escolares, sempre foi

Revista Intersaberes | vol.10, n.21, p. | set.- dez. 2015 | 1809-7286

um desafio da escola. Entretanto, a transformação da prática educativa para o uso das tecnologias digitais deve ir além da simples aprendizagem técnica, ou ainda, ao desenvolvimento de habilidades e competências, para que o professor ensine e o aluno aprenda por meio dos dispositivos digitais. É preciso compreender como esses dispositivos estão ou não transformando a prática, quais implicações elas estão trazendo para a alteração efetiva e positiva do processo de ensinar e aprender no contexto da cultura digital.

Gvartz e Larrondo nos levam a aprofundar a análise sobre as dimensões das tecnologias e suas implicações no ambiente escolar, a partir do entendimento de que a tecnologia:

[...] adquire un sentido y una funcionalidad específica. Es así como cuadernos o pizarrones, pero también celulares, computadoras o cualquier otro objeto deben ser comprendidos y decodificados a partir de su lugar – o también su no-lugar-en la escuela. ¿Qué hace la escuela con ellos? ¿Cómo los apropia y los modifica? ¿Qué saberes son capaces de producir o transformar? Son las preguntas que debemos hacernos cuando nos referimos a estos objetos (2007, p. 4).

A escola se relaciona com os novos objetos e as inovações tecnológicas, assim como ocorreu com outros artefatos já consolidados no ambiente escolar, atribuindo sentidos e significados. Para as autoras, estrategicamente a escola investe em duas direções: ou nega, ou escolariza essa materialidade.

Portanto, os estudos da cultura material da escola atual não podem ficar restritos à análise da instrumentalização dos recursos tecnológicos. Pois, não é a prescrição que garante o uso, mas são as apropriações cotidianas.

Se conforme Gvartz e Larrondo (2007), ao atribuir sentidos e significados a cultura material, a escola pode negar a inserção e o uso de determinados objetos, assim, é preciso lançar mão das ausências da materialidade na escola. No caso das tecnologias digitais, torna-se necessário investigar a falta de infraestrutura que possibilita o acesso, bem como, o suporte às redes de comunicação mundial; a falta de políticas públicas para a aquisição e uso dos dispositivos digitais; a resistências dos sujeitos diante da proposição de uso dos celulares, *smartphones*, *tablets*, entre outros, nas aulas; assim como, outras ausências e negações que configuram a pouca mudança das práticas pedagógicas da escola atual.

Seguindo mais uma vez a perspectiva de Gvirtz e Larrondo (2007), cumpre observar como ocorre a escolarização das tecnologias digitais. É preciso compreender como estão sendo inseridos, interpretados e apropriados os diferentes dispositivos digitais nos espaços escolares.

A análise das novas tecnologias sob o viés da cultura material escolar pode abranger as normativas que orientam os usos das tecnologias midiáticas, a manutenção dos equipamentos, a formação dos professores para o uso, e ainda, os sentidos e significados que os alunos conferem aos dispositivos digitais na escola.

De acordo com Dussel (2012, p. 187), é preciso fazer uma revisão crítica do discurso e das produções que afirmam que os alunos, por serem nativos digitais, lidam com os dispositivos digitais com maior facilidade, interatividade e criatividade. Vários estudos, que contemplam o uso das tecnologias digitais por parte dos alunos em sala de aula, tem demonstrado que as crianças e os jovens não são tão expansivos e “habilitados” para usar esses dispositivos na escola da mesma forma que utilizam livremente em outros espaços sociais.

Pelo contrário, podem ser passivos, solitários, demonstrando pouca habilidade no manuseio do dispositivo em aula, para fins de aprendizagem. Nessa perspectiva, é interessante investigar o comportamento dos alunos diante do uso escolar de uma tecnologia que tem uma circulação e aceitação no meio social.

Por fim, se por um lado é importante conhecer como as diferentes tecnologias digitais de uso social são escolarizadas, emerge saber como a escola recebe e se apropria, na sua capacidade criativa e autônoma, das tecnologias criadas para o uso didático pedagógico exclusivo. Compete investigar a comercialização, produção e apropriação dos *softwares* educativos, games didáticos, mesas e lousas interativas digitais, entre outros suportes que propiciem o letramento digital.

REFLEXÕES FINAIS

Não há dúvidas que a inserção das tecnologias digitais na escola está possibilitando um momento de transição da cultura escolar. A forma como a escola se relaciona com esses objetos, atribuindo sentidos e significados não corresponde apenas a uma tentativa de

tornar a aquisição do saber mais dinâmico e atraente. Mas, trata-se de reafirmar a especificidade da escola no processo de reprodução e produção da cultura às futuras gerações.

O presente texto procurou refletir brevemente sobre as tecnologias digitais na escola, na perspectiva da cultura material escolar. Assim, promover a investigação sobre o “novo” que adentra a escola, é oferecer subsídios para se refletir sobre a realidade do processo de escolarização. Por meio da investigação das práticas educativas, é possível saber, como a cultura digital está sendo abordada, negligenciada ou perpetuada no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola. **Revista da UNESP**. 2010. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t_06.pdf. Acesso dia 22 de outubro de 2015.

DIÁZ, José María Hernández. Etnografía e história material de la escuela. In: ESCOLANO BENITO, Agustín; DIÁZ, José María Hernández. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación desejada**. Valência: Tirant lo Blanch, 2002. p. 227-246.

DUSSEL, Inés. A transmissão cultural assediada: metamorfose da cultura comum na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, nº 137, 2009. p. 351-365.

_____. Más allá del mito de los “nativos digitales”: jóvenes, escuela y saberes em la cultura digital. SOUTHWELL, Myriam. **Entre generaciones: exploaciones sobre educación, cultura e instituciones**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones/Flacso, 2012. p. 183-213.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **Tiempos y espacios para la escuela: ensayos históricos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

_____. Memoria l ela educación y cultura de la escuela. In: ESCOLANO BENITO, Agustín; DIÁZ, José María Hernández. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación desejada**. Valência: Tirant lo Blanch, 2002. p. 19-42.

_____. Patrimonio em la escuela. **Revista Participación Educativa**, Madri, n. 9, nov. 2008. p. 131-141.

FORQUIN, J. **Escola e Cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar; Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOMÉZ, Ángel I. Pérez. **A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. A favor de la escuela educativa en la sociedad de la información y de la perplejidad. SACRISTÁN, José Gimeno. **La reforma necesaria: entre la política educativa y la práctica escolar**. Madrid: Morata, 2006. p. 95-108.

_____. **Educação na Era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

GVIRTZ, Silvina Gvirtz; LARRONDO, Marina. Notas sobre la escolarización de la Cultura Material: celulares y computadoras em la escuela de hoy. **Revista Teias**: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez 2007 p. 1-14.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, v. 1, n.1, 2001. p. 9-44.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade; MARTINS, Onilza Borges. As novas tecnologias educacionais como instrumentos constituintes da cultura escolar. **Revista Intersaberes**, v. 8, nº 16, 2013. p. 38-49.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2005

ROCKWELL, Elsie. Huellas del pasado en las culturas escolares. **Revista de Antropologia Social**, nº. 16, 2007. p. 175-212.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Docência y cultura escolar**: reformas y modelo educativo. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997.

_____. **La reforma necesaria: entre la política educativa y la práctica escolar**. Madrid: Morata, 2006.

_____. **Educar y convivir em la cultura global**. 3ª. ed. Madrid: Morata, 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TYACK, D y Cuban, L (2001) **En busca de la utopia: un siglo de reformas en las escuelas públicas**. México: Fondo de cultura económica.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones. **Historia de la Educación**, v. 13-14, 1995.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. 2001. Sobre a história e a teoria da forma escolar. In: **Educação em revista**, n.33, jun. 2001.